

POLÍTICA

ALÉM DA NOTÍCIA

Razões de Sarney

A análise do Presidente da República é a de que, faça o Governo o que fizer, de bom ou de errado, continuará sendo vítima predileta de um mecanismo perverso de polarização da sociedade, que se torna visível a partir do período militar em que se quis identificar as culpas e encontrar os culpados pelos desacertos da época de autoritarismo. O presidente Sarney foi encontrado como alvo móvel ideal, pois não tem projeto político pessoal, não tem partido, e apenas quer cumprir seu prazo constitucional de governo com altivez e dignidade, considerando ser sua honra inegociável.

Como a sociedade está sem liderança — pois são as mais variadas as tendências em direção a este ou àquele nome para a próxima sucessão presidencial — o resultado desse fenômeno é que a onda de negativismo e de sinistrose se alastra, fazendo do Governo um corpo isolado, sem poder de imantação das massas críticas de apoio da sociedade.

A imprensa, sobretudo, reflete esse clima, e continua a jogar no fracasso do Governo. O Presidente é acusado de todo o processo de fragilização institucional quando defende, ao contrário, a solidez dos compromissos, ao desejar cumprir fielmente a Constituição para acostumar as instituições aos ritos da passagem do poder, gostemos ou não dos homens que estão sentados na cadeira presidencial.

Ao abrir mão de um ano, não o fez como conchavo, mas por acreditar que contribuiria para o entendimento dessas regras. A autoridade do cargo de presidente da República — a coluna mestra do sistema presidencialista — foi posta em risco. O Presidente teve de adernar rapidamente de sua convicção presidencialista, à admissão do parlamentarismo na forma aprovada com base no substitutivo do deputado Egidio Ferreira Lima o "neopresidencialismo". Portanto, não tem saído dele qualquer atitude de resistência cega, ou apego visceral às formas do poder.

O que o Presidente quer agora é uma trégua para poder trabalhar pelo País, sem julgamentos predeterminados. Entende que, estando cumprindo a transição acima dos partidos, deve merecer do bloco partidário que apóia o seu governo uma forte transferência de densidade política para evitar que o País caia no retrocesso. A crise é da elite do poder, e não do poder da elite.

Não houve a recessão brutal que se esperava — raciocina o Presidente, pois a indústria crescerá esse ano à base de 10 por cento, acima do PIB, que será de 6 por cento. O lado catastrófico é lido nos jornais, mas só revelando o que é conjuntural, e não estrutural nas dificuldades da economia. A hiperinflação já será debelada em julho. O País revela dispor de anticorpos para atenuar e até matar os germes da depressão econômica e social. Mas quem vai dar esse direito a um presidente sem projeto político pessoal, que não é PMDB nem PFL, e carrega a sina de ser um nordestino do Maranhão?

AURELIANO APERTA O CINTO

O ministro Aureliano Chaves vai dar ordem geral para que as estatais do MME apertem o cinto, na segunda reunião dos conselhos das empresas ligadas à sua área, com os respectivos consultores jurídicos. O ministro está com sua estrela já no alto, aliás, com quatro estrelas.

LEONARDO MOTA NETO